

José Sócrates diz que Moro é “indigno, medíocre e lamentável”

O imbróglio entre o ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, e o primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, ainda não terminou. Os dois são protagonistas de um mal-estar causado por declarações infelizes de Moro durante um congresso jurídico em Portugal.

Antonio Cruz/ABr



Sócrates afirma ainda que os portugueses conhecem o significado do silêncio daqueles que assistem a tudo isto como se nada fosse com eles.

"Impossível ler a declaração do ministro da Justiça brasileiro sem um esgar de repugnância. Ela põe em causa os princípios básicos do direito e da decência democrática. Não, nunca cometi nenhum crime nem fui condenado por nenhum crime. Não posso aceitar ser condenado sem julgamento, muito menos por autoridades brasileiras", disse Sócrates.

Na nota, o primeiro-ministro de Portugal afirma que na Europa, o povo "conhece bem o ovo da serpente". "Conhecemos o significado das palavras de agressão, de insulto e de violência política. Conhecemos o significado dos discursos governamentais que celebram golpes militares, defendem a tortura e recomendam o banimento dos adversários políticos", afirmou.

Sócrates afirma ainda que os portugueses conhecem o significado do silêncio daqueles que assistem a tudo isto como se não fosse com eles. "Há no entanto, em todo este episódio, um mérito: as palavras produzidas confirmam o que já se sabia do personagem – como juiz, indigno; como político, medíocre; como pessoa, lamentável", defende.

O mal-estar

Tudo começou quando Moro criticou o sistema jurídico português durante o VII Fórum Jurídico de Lisboa. Em sua exposição, o ministro afirmou ter identificado uma "dificuldade institucional" em Portugal para fazer avançar o processo contra o antigo primeiro-ministro José Sócrates, tal como acontece no Brasil.

Depois disso, Sócrates afirmou, por meio de nota à imprensa, que Moro é um "ativista político disfarçado de juiz", e que, por isso, o Brasil vive "desonesta instrumentalização do seu sistema judicial

ao serviço de um determinado e concreto interesse político".

Uma emissora de televisão portuguesa, então, perguntou o que Moro tinha a dizer sobre as críticas de Sócrates. Ele rebateu, apenas, "não debato com criminosos". Por esse pronunciamento, ele também foi duramente [criticado](#) pelo jornalista Manuel Carvalho, do portal Público.

No Brasil, as falas de Moro também não pegaram bem. Para o advogado Carlos Alberto de Almeida Castro (Kakay), o ministro da Justiça diminuiu o Brasil com sua visita.

Kakay advoga para Raul Schmidt, investigado pela operação "lava jato" que tem dupla cidadania (brasileira e portuguesa), mas que Moro insistiu por três anos para que fosse deportado ao Brasil. Ao ouvir as declarações do ministro da Justiça, enviou o seguinte comentário à **ConJur**:

Lamentável a presença do juiz/ministro/ativista político em terras portuguesas. Acostumado a não ter limites quando era juiz com jurisdição nacional em Curitiba, com o apoio da grande mídia e das redes sociais, ele resolveu criticar o Judiciário português ao se referir ao ex-primeiro-ministro José Sócrates fazendo o mesmo pré-julgamento que estava acostumado a fazer quando era juiz/político em Curitiba.

Recentemente ele tentou interferir, sem êxito, em um processo de extradição em Portugal mas o Estado português e o Judiciário português são independentes e soberanos. Devemos desculpas a Portugal pelo vexame do juiz/ministro/ativista. E é interessante que tudo isto ocorra em 25 de abril [*início da Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura salazarista*]. Mas ele certamente desconhece o significado da data. Talvez devêssemos pedir para alguém traduzir para o juiz/ Ministro/ativista algumas biografias de grandes portugueses para ele aprender a respeitar Portugal.

Date Created

25/04/2019